



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **RELAÇÕES DE PODER NO DESPORTO HANDEBOL NO ESTADO DO PARÁ: UM ESTUDO NA ÓTICA DOS ATLETAS SEGUNDO A DINÂMICA DOS TREINOS E JOGOS.**

**IVAN GONÇALVES REIS (DOUTORANDO)**  
**MARIA MARIZE DUARTE (ORIENTADORA)**  
**Universidade do Estado do Pará – Belém- Pará-Brasil**  
**Email – i18reis@yahoo.com.br**

### **INTRODUÇÃO**

Compreender as relações sociais é percorrer os vínculos entre as macro e a micro estruturas definindo o sentido e o lugar das comparações de poder no contexto da dominação que pode vir a ocorrer nas ligações interpessoais promovidas pelas diferentes formas de aprendizagens – neste caso, no desporto handebol.

Vários são os mecanismos que podem promover essas conveniências: a prática dessa modalidade desportiva desde a fase dos treinamentos até às competições, o diálogo entre técnico, atletas e comissão técnica, as metodologias de treinamentos e as diversas situações de jogo.

É um estudo que identifica mecanismos de poder muitas vezes praticados como vigilância, com a intenção de manter a ordem ou a disciplina durante esta prática desportiva e, que evidenciam a existência de teias sociais silenciosas que ordenam o existir do desporto handebol. Nessas teias, os ensinamentos, treinamentos e competições, são produzidos como um alicerce de verdades que vão sendo transmitidas aos atletas de forma absoluta, sem considerar as reais condições psicossociais de assimilação de informações muitas vezes inovadoras para esses atores sociais.

No trabalho com as modalidades desportivas, em particular o handebol, considerados por muitos professores de educação física e técnicos como Simões (2002) e Sergio (2003) de fácil assimilação e aprendizagem por reunir no seu bojo três características básicas presentes na vida do ser humano como: correr, saltar e lançar, perpassa relações de poder que muitas vezes os atores sociais desconhecem ou ignoram por algum motivo oculto.

Esse desconhecimento da circularidade do poder acontece pelo fato dos atletas estarem envolvidos de forma tão intensa nos diversos processos de execução de aprendizagem dessa modalidade, que podem ou não contribuir no rendimento pessoal,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

grupal ou de toda equipe em busca de determinados objetivos, como por exemplo: a vitória.

O handebol possui elementos diferenciados e, quando se reporta à competência e capacidade de rendimento individual e coletivo de seus atletas, está se referindo aos seus domínios físicos, técnicos, táticos, psicológicos e sociais (SIMÕES, 2002, p. 30). Nesse sentido, quando se trata de equipes de rendimentos (de competição), devem-se observar os motivos que limitam ou impulsionam as relações de poder entre os atores sociais envolvidos nessa prática desportiva.

O ambiente lúdico favorece essa questão abordada no parágrafo anterior. A prática do desporto se torna um instrumento cultural, quando disponibiliza melhorias na corporeidade e na superação de problemas dos praticantes que refletem as relações de poder na vida social dessas pessoas envolvidas na prática do handebol. Isto nos faz repensar a circularidade do poder entre os seres humanos de acordos com os estudos de Reis (2000, p. 29).

O poder exercido em níveis variados, como teias, “deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social, muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir”. (FOUCAULT, 1979, p.8). Assim Foucault rompe com mecanismo linear da relação entre infra e superestrutura, levando à compreensão do poder como uma força que permeia todo tecido social, induzindo a produção de um tipo de discurso; ele atravessa o corpo social como uma rede que inicia uma produção.

Partindo desses pressupostos, para nos aproximarmos dessa dinâmica conceitual, torna-se preciso não só uma análise do poder em seus mecanismos mais próximos, como também em suas funções gerais e suas formas de dominação global<sup>1</sup>.

O estudo teve como objetivo principal Investigar Relações de poder no desporto handebol no estado do Pará: Um estudo na ótica dos atletas segundo a dinâmica dos treinos e jogos, tendo em vista à compreensão dessas convivências entre atletas técnicos/comissão técnica e, como objetivos específicos, Identificar às relações de poder que circulam nos treinamentos e jogos de handebol a partir da ótica dos atores

---

<sup>1</sup> Neste estudo, estamos nos referindo às obras Vigiar e Punir (1987), onde Foucault aborda a disciplina nos quartéis, nas escolas, nos hospitais, a docilidades dos corpos e, principalmente o exercício do poder em todos os elos da sociedade e, Microfísica do Poder (1993), que alerta que o poder deve ser visto como forma difusa, não se identificando necessariamente com o estado, mas nas várias instâncias da vida social e cultural.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sociais adultos no Estado do Pará, Identificar os mecanismos de controle que orientam cada papel na relação atletas, técnicos/comissão técnica, compreendendo os micro poderes a partir do cotidiano vivenciado por esses atores sociais no estado do Pará e Identificar a questão da disciplina, do autoritarismo e da coerção dessas relações dentro do contexto treinamentos e jogos.

A argumentação metodológica está fundamentada em instrumento de coleta de dados validado por quatro especialistas em técnicas educacionais e metodologia da pesquisa, sendo duas doutoras, uma mestra e um mestre, referendado pela análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefevre (2000, p. 18), realizada por um roteiro de entrevistas abertas semi-estruturadas, que permite analisar vários discursos transformando-os em discurso único. Observa-se esta análise no presente estudo efetivado com atletas de 08 equipes masculinas e femininas, praticantes do esporte handebol em Belém do Pará, perfazendo um total de 76 jogadores(as), sendo 34 do sexo feminino e 42 do sexo masculino, que correspondem a 20% da amostra de cada gênero de cada clube. Utiliza-se como estratégia de captação de informações as observações das sessões de treinamentos, as competições da Copa UEPA de 2008 e as campeonatos paraenses de 2008, 2009 e 2010, onde foram realizadas as entrevistas com os (as) atletas, que geraram um conjunto dados - informações essenciais para o processo de investigação. Para isto, utilizou-se um mini gravador e anotações diretas coletadas com os atores sociais selecionados. As entrevistas foram posteriormente transcritas e cuidadosamente analisadas.

As questões investigadas neste estudo foram: Como, nos treinos e jogos, os atletas passam por sessões de adestramento à medida que têm que responder da melhor forma possível as solicitações dos técnicos? Já que a disciplina fabrica indivíduos, os atletas de handebol são disciplinados ou fabricados através do poder do técnico? Será que no handebol o ápice do poder muitas vezes não é discreto, fugindo do controle emocional dos técnicos em suas atitudes coercitivas para com os atletas? Como fazer para que, de sua multiplicidade calculada, resulte um poder homogêneo, contínuo e compartilhado nos treinos e jogos de handebol? A disciplina pode gerar um poder funcional que se auto-sustente por seus próprios mecanismos? A ordem que os castigos disciplinares se apresentam é de natureza mista; é uma ordem “artificial” colocada de maneira explícita por uma lei, um programa, um regulamento. No handebol os “castigos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

disciplinares” acontecem de forma clara nas atitudes repressoras dos técnicos para com seus atletas?

A pesquisa teve como relevância, que o número de praticantes de handebol tem crescido consideravelmente no estado do Pará, no Brasil e no mundo, e com ele a necessidade de se elaborar programas de treinamento que não só contemple os estados físico, técnico, tático e psicológico dos atletas, fatores de fundamentais importâncias para quem pretende se destacar nos esportes de rendimento, mas também investigações que abordem as relações de poder entre os atores sociais inseridos no contexto dos programas de treinamento de handebol no Estado do Pará, haja vista que a literatura consultada não revela dados que comprovem o foco central da pesquisa. É com essa visão ontológica que se busca aqui uma práxis diagnóstica dessas relações de poder entre os elementos que interagem direta ou indiretamente na modalidade desportiva handebol.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a coleta dos dados expressa na metodologia, conforme quadros e discursos a seguir constataram a efetivação do poder de várias formas, como Foucault, (1979), Simões (2002), Reis (2000), e Sérgio (2003), explicitam em seus estudos referentes a circularidade do poder.

No que diz respeito ao desporto handebol, tive a oportunidade de observar várias situações inerentes aos efeitos das relações de poder com as equipes masculinas e femininas da modalidade, desde a fase dos treinamentos à competição propriamente dita.

Nas sessões de treinamentos observados, fica claro na ótica dos(as) atletas, que existem diferenças de comportamentos dos técnicos para com seus atletas, comissão técnica e vice-versa no que diz respeito à obediência (poder), relacionada principalmente com o rendimento técnico e tático da equipe, tanto nos treinamentos como nos jogos oficiais, havendo uma pequena diferença dos treinos para as competições, onde alguns técnicos tinham comportamentos diferenciados e, automaticamente obtinham respostas diferenciadas dos outros atores sociais (atletas), explicitados conforme os quadros de análises e DSCs abaixo. Isto nos remete aos estudos de Foucault (1979), onde o autor nos mostra que o poder exercido em níveis



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

variados, como teias, deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Porém, foram nas competições, que se evidenciaram com mais veemência a instalação do poder de forma coercitiva, autoritária e repressora por parte de alguns técnicos, principalmente nos momentos em que suas equipes estavam com o resultado adverso ou que alguma jogada técnico-tática não possibilitava os resultados esperados dos treinamentos. Era deprimente observar alguns atletas tentarem argumentar com os técnicos sobre suas falhas e serem ignorados até com palavrões que os ofendia moralmente.

Em determinadas situações, alguns atletas chegavam às vias de fato com esses técnicos autoritários, porém, eram excluídos dos treinos e até dos jogos oficiais. Por outro lado, observa-se que alguns atletas só respondiam de forma positiva, em quase todos os aspectos inerentes ao jogo, quando principalmente esses técnicos ditos “autoritários,” usavam de seus poderes coercitivos para reprimir seus “comandados”.

Os quadros abaixo demonstram as idéias centrais e expressões – chaves das entrevistas dos atores sociais que originaram o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRE, 2000, p. 18), cuja definição está baseada na idéia de que vários discursos dos sujeitos podem ser representados num discurso coletivo único.

**Quadro 01: As experiências vivenciadas quanto às atitudes - éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — dos (as) técnicos (as) às propostas de intervenções dos atletas em relação aos treinos e jogos?  
(Atletas do sexo feminino)**

<b>IDÉIA CENTRAL</b>	<b>EXPRESSÕES - CHAVES</b>
Quando há mais tempo para se trabalhar, os resultados são mais positivos, é o caso da nossa equipe que somos tri-campeãs.	E01 - Ah! Você percebe que quando uma pessoa tem mais tempo no que está fazendo, tem mais experiências, consegue tratar a organização melhor, por exemplo, caso (referindo-se a técnica dela) ela tem um dia de treino, mas como ela tem muita experiência, muito estudo, ela consegue administrar muito bem esse tempo não é toa que a nossa equipe está hoje disputando o tri-campeonato. <b>E01: FEM. PAYSANDU</b>
Alguns são afetivos, outros não	E02 - Alguns consideram a afetividade e outros não. <b>E02: FEM. PAYSANDU</b>
Acho que todos os técnicos tem que ter autoritarismo, autoridade para ter a posição de técnico.	E03 - Acho que sim, tem técnicos, acho que os técnicos sempre tem AUTORITARISMO, tem que melhorar sempre, ter autoridade, você tem que ter a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

	<p>posição de técnico dentro de quadra, porque se você se fechar muito, quem tá jogando, algum atleta pode querer ser o técnico naquele momento, então tem que ter autoritarismo todos os técnicos.</p> <p><b>EO3: FEM. PAYSANDU</b></p>
De acordo com suas avaliações, sempre faz a lavagem de roupa suja no final dos treinos e jogos	<p>E04 - As avaliações dele como nos treinos, no caso, ele tem uma prncheta onde ele avalia o desempenho do jogador, como passe, erro de defesa, para ser executado tanto em treinos como em jogos, para depois fazer a lavagem de roupa suja no final de treinos e jogos.</p> <p><b>EO4: FEM. ANANINDEUA</b></p>
O que vale é a união do grupo, independente das estrelas da equipe.	<p>E05 - Vou resumir, qualquer equipe existe um estrelismo ou qualquer coisa, então a gente tenta minimizar isso de qualquer atleta, o que vale é a união do grupo.</p> <p><b>EO5: FEM. PAYSANDU</b></p>
O técnico procura diferenciar uns atletas dos outros para formar uma equipe bem forte	<p>E06 - Bem, experiências vivenciadas são dos atletas que já viajaram para outros lugares e, sabe, são muito experientes, então o técnico procura diferenciar uns atletas dos outros, para formar uma equipe bem forte.</p> <p><b>EO6: FEM. PROMORAR</b></p>
Usa a autoridade, sem ser autoritária através do diálogo.	<p>E07 - Tem diálogo, aceita sugestões, usa a sua autoridade sem ser autoritária.</p> <p><b>EO7: FEM. UEPA</b></p>
Bons.	<p>E08 - Bons.</p> <p><b>EO8: FEM. ANANINDEUA</b></p>
Nenhuma.	<p>E09 - Nenhuma.</p> <p><b>EO9: FEM. ASSEL</b></p>
Poucas	<p>E10 - Poucas.</p> <p><b>E10: FEM. ANANINDEUA</b></p>
Nenhuma.	<p>E11 - Nenhuma.</p> <p><b>E11: FEM. ASSEL</b></p>
Boas	<p>E12 - Boas.</p> <p><b>E12: FEM. ASSEL</b></p>
A vivência de vários clubes e o tempo nesse desporto.	<p>E13 - As experiências de ter passado por vários clubes e o tempo que já está nesse desporto.</p> <p><b>E13: FEM. UEPA</b></p>
Nos ajudamos.	<p>E14 - Nós nos ajudamos, somos abertos às opiniões o tempo todo.</p> <p><b>E14: FEM. UEPA</b></p>
Ouvem as opiniões, comentam e utilizam a que for melhor para a equipe.	<p>E15 - Os técnicos ouvem as opiniões de cada um, comenta com a equipe e utiliza a que for melhor para o desenvolvimento da equipe.</p> <p><b>E15: FEM. UEPA</b></p>
A minha técnica é boa, conversa muito e pede opiniões.	<p>E16 - No meu caso, a minha técnica é boa, ela conversa muito com o grupo e pede opinião, deixamos a vontade.</p> <p><b>E16: FEM. UEPA</b></p>
Alguns são éticos, afetivos, compreensivos e incentivadores, outros só querem saber dos resultados positivos.	<p>E17 - Alguns técnicos são éticos, afetivos, compreensivos e incentivam sempre seus atletas, outros só querem saber de resultados positivos.</p> <p><b>E17: FEM. ASSEL</b></p>
Já presenciei de tudo, técnicos carinhosos, estressados, éticos, autoritários, outros não.	<p>E18 - Já presenciei de tudo um pouco com relação a isso, técnicos carinhosos, estressados, éticos em</p>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

	seus comportamentos, sem o mínimo de compostura, uns autoritários e outros não. <b>E18: FEM. CASTANHAL</b>
Alguns são autoritários, sem ética e sem compostura diante de seus atletas.	E19 - Também como já comentei, alguns técnicos não tem ética, são extremamente autoritários, não tem o mínimo de compostura diante de seus atletas. <b>E19: FEM. ANANINDEUA</b>
Alguns não deixam seus atletas nem abrirem a boca, são extremamente autoritários.	E20 - Alguns técnicos não deixam que os seus atletas nem abram a boca, não tem o mínimo de afetividade, são extremamente autoritários. <b>E20: FEM. ANANINDEUA</b>
Alguns procuram conviver de forma afetiva, cognitiva, outros se mostrma muito autoritários.	E21 - Às vezes os técnicos até procuram conviver de forma afetiva, cognitiva com suas atletas, outros se mostram muito autoritários no tratamento com a equipe <b>E21: FEM. CASTANHAL.</b>
Já vivenciei muitas experiências dessa natureza, porém as intervenções dos jogadores são poucas.	E22 - Já vivenciei muitas experiências dessa natureza dos técnicos para seus atletas, porém as interveções dos jogadores são poucas. <b>EO22: FEM. ANANINDEUA</b>
Alguns levam um relacionamento aberto, outros só falam do lado profissional.	E053 - A maioria dos técnicos procuram levar um relacionamento aberto com seus atletas em todos os aspectos, alguns só falam do lado profissional. <b>EO23: FEM. VIGIA</b>
Os técnicos devem ouvir a opinião de cada um e utilizar o melhor.	E24 - Os técnicos devem ouvir a opinião de cada um, comentar com a equipe e utilizar o que for de melhor. <b>E24: FEM. VIGIA</b>
Não depende das vitórias e derrotas, são boas atitudes.	E25 - Independente das vitórias e derrotas, sempre são boas atitudes. <b>E25: FEM. VIGIA</b>
Alguns técnicos sabem separar esses aspectos, outros não.	E26 – Alguns técnicos procuram separar todos esses aspectos em função dos mmentos vividos, outros não. <b>E26: FEM. ANANINDEUA</b>
Algumas prazerosas e compreensivas, outras extravagantes e agressivas.	E27 – Algumas foram prazerosas e compreensivas , outras foram até um pouco extravagantes e agressivas. <b>E27: FEM. STA. IZABEL</b>
As que observei foram positivas para uns e decepcionantes para outros.	E28 – As que tive oportunidade de observar foram positivas para uns e decepcionantes para outros, se acharam desprestigiados no grupo. <b>E28: FEM. STA. IZABEL</b>
Não avaliam as intervenções dos atletas por completo, sempre acham um erro.	E29 – Eles não avaliam a intervenção dos atletas por completo, sempre acham algum tipo de erro. <b>E29: FEM. PROMORAR</b>
Já vivenciei momentos agradáveis e desagradáveis, percebi colegas chorando pela agressividade dos técnicos.	E30 - Já vivencieie momentos agradáveis e muito desagradáveis com relação a estes aspectos, os desagradáveis então foram muito tristes, pois percebí colegas chorando pelo modo agressivo de seus técnicos em suas atitudes. <b>E30: FEM. PROMORAR</b>
Alguns compreensivos e afetivos, outros só olham o lado do atleta como atleta.	E31 - Alguns técnicos são muito compreensivos, afetivos e amigos, outros só olham o lado do atleta como atleta, esquecem que são seres humanos normais. <b>E31: FEM. PROMORAR</b>
Tudo é muito variado, já presenciei de tudo um pouco.	E32 - Já presenciei técnicos de tudo quanto é tipo, éticos, afetivos, autoritários e etc. Tudo é muito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

	variável. <b>E32: FEM. CASTANHAL</b>
Depende muito do nível de relacionamento.	E33 - Depende muito do nível de relacionamento que os técnicos tem com seus atletas. <b>E33: FEM. CASTANHAL</b>
Em muitas equipes há um espírito de ajuda, em outras parece que o técnico sempre dita as ordens.	E34 - Em muitas equipes, percebemos que até existe um espírito de ajuda em busca do crescimento da equipe, em outras, parece que o técnico é sempre quem dita as ordens de tudo. <b>E34: FEM. CASTANHAL</b>

**Fonte:** Quadro de Análises dos discursos segundo o roteiro de entrevistas com atletas femininas de handebol cadastradas na Federação de Handebol do estado do Pará (FHEP).

## O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) ATLETAS DO SEXO FEMININO

Vivenciamos atitudes éticas positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas e autoritárias dos técnicos às propostas de intervenções dos atletas nos treinos e jogos, muito importantes que não devem ser esquecidas quando há uma convivência entre um grupo de seres humanos. O que temos oportunidades de vivenciar são situações muito variadas entre os técnicos, alguns compreensivos e afetivos, outros fazendo atletas chorarem pelo nível de agressividade com os mesmos, fatos que acreditamos ser em virtude dos momentos de estresse variados pelos quais passam durante os treinos e jogos. Já convivemos com técnicos autoritários, afetivos, cognitivos e até mesmo com aqueles que não estão nem aí pelo que possa acontecer dentro ou fora de quadra, são pessoas sem o mínimo de ética profissional possível; o que lamentamos muito, pois o técnico de uma equipe pode representar muitos papéis para os seus atletas, inclusive de um irmão mais velho ou de um pai, dependendo do nível de convivência entre as partes envolvidas.

**Quadro 02: As experiências vivenciadas quanto às atitudes - éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — dos (as) técnicos (as) às propostas de intervenções dos atletas em relação aos treinos e jogos?**

**(Atletas do sexo masculino)**

<b>IDÉIA CENTRAL</b>	<b>EXPRESSÕES - CHAVES</b>
Dá para perceber algumas coisas.	E01 - Sim, dar perceber algumas coisas. <b>EO1: MASC. PAYSANDU</b>
Muito autoritário, diz que estamos no campeonato	E02 - Também, muito autoritário, estamos no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

não só para competir e sim para ganhar.	campeonato não só para competir, também para ganhar. <b>E02: MASC. PAYSANDU</b>
Ainda não percebi.	E03 - Nenhuma, não. <b>E03: MASC. ASSEL</b>
Já percebemos técnicos extremamente autoritários e agressivos com seus atletas, cobrando o que os atletas não tem condições de fazer.	E04 - Já, nós temos observado nos jogos, técnicos esmurrando seus atletas, puxando pela camisa, cobrando aquilo que o atleta não tem condições de mostrar pra ele. <b>E04: MASC. ASSEL</b>
Se há um relacionamento bom com os atletas, conseqüentemente a recíproca será verdadeira.	E05 - Como eles agem? aqui fica um pouco difícil, mas muitas das vezes, há uma relação, porque se ele tem um fácil relacionamento com os atletas dele, logo ele vai ter um fácil relacionamento de volta dele para com os atletas e dos atletas para com ele. Se ele tem um envolvimento, uma facilidade de conversar, lógico o atleta dele vai ter uma facilidade maior de entender o que ele quer, às vezes mesmo sem falar, mesmo de longe, só com gestos, ele vai entender o que ele quer que faça no momento da jogada. <b>E05: MASC. CASTANHAL</b>
Se o atleta souber se comportar nos treinos e jogos, o técnico está ali para ajudar, não tem como acontecer brigas.	E06 - O atleta se ele souber fazer o trabalho dele certo, o técnico vai está lá pra ajudar, só que nos treinos e jogos, eu sempre falo, no handebol como tem muito contato, sempre tem que ter briga, mas não é assim, se você souber fazer o seu trabalho, não vai ter briga sempre, então é isso, treinar, jogar direito para fazer um trabalho bacana. <b>E06: MASC. CASTANHAL</b>
O nosso técnico não é autoritário, quando quer alguma coisa, procura dialogar conosco.	E07 - Não, nosso técnico NÃO É UMA PESSOA AUTORITÁRIA, sempre que ele quer impor assim alguma coisa, ele chega e conversa com a gente, é muito diálogo, então eu não vejo ele uma pessoa muito autoritária não. <b>E07: MASC. ANANINDEUA</b>
Se impõem de acordo com as situações de treinos e jogos.	E08 - Eu acho que eles agem de acordo com as situações, na visão deles o que eles acharem de errado, de certo, eles podem impor nos treinos ou jogos, ele pode chamar e falar bem ou mal. <b>E08: MASC. CASTANHAL</b>
É uma técnica que cobra muito o rendimento do atleta	E09 - Tiveram algumas competições, alguns jogos que sempre tem aquela atleta que ela sabe que pode render mais, mas não está rendendo aquilo que pode, então eu já tive algumas experiências de jogos que eu vinha jogando ruim e ela vinha me cobrando, só que de uns tempos prá cá, eu venho assimilando as cobranças dela e, sempre que ela me põe a prova, eu tenho sempre ajudado bem a equipe. <b>E09: MASC. CASTANHAL</b>
Acho que deveriam ter um limite de envolvimento com os atletas.	E10 - Como disse anteriormente, hoje em dia eles se envolvem muito, que chega a um ponto de passar dos limites, que eu acho que deveria ter um limite de envolvimento com relação aos atletas. <b>E10: MASC. CASTANHAL</b>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

É uma forma de relacionamento dos atletas nos treinos e jogos	E11- São vistas de forma espontânea pelos técnicos, pois essa é uma forma dos atletas se relacionarem no grupo em relação aos treinos e jogos. <b>E11: MASC. UEPA</b>
É uma forma bem coletiva	E12 - Tudo é bem coletivo. <b>E12: MASC. UEPA</b>
Pode variar de técnico para técnico, podendo ser bom para uns e para outros não, isto em função da metodologia.	E13 - Cada equipe tem a metodologia do seu técnico, isso pode variar de técnico para técnico, porque alguns tem uma ótima metodologia de ensinamento outros não e às vezes os atletas não podem intervir na sua metodologia. <b>E13: MASC. UEPA</b>
Nossa técnica deixa livre as opiniões para podermos intervir no desempenho da equipe.	E14 - A minha técnica deixa livre nossas opiniões, porque é fundamental nós intervir para um melhor desempenho da equipe. <b>E14: MASC. ANANINDEUA</b>
Toda metodologia é aplicada com o objetivo de crescimento da equipe.	E15 - Nas metodologias aplicadas se tem o objetivo de somar e crescer cada vez mais. <b>E15: MASC. ANANINDEUA</b>
Através da visão de jogo.	E16 - Visão de jogo. <b>E16: MASC. PROMORAR</b>
O esporte vive de motivação, tudo de incentivo é positivo para a vitória.	E17 - Bem, o esporte vive da motivação, então, quanto mais força de vontade, garra, pensamento positivo e esforço, maior a chance de se obter a vitória. <b>E17: MASC. PROMORAR</b>
Motivação, força de vontade e pensamento positivo, são fundamentais para o esporte.	E18 - No esporte, a motivação, força de vontade e pensamento positivo, são fundamentais. <b>E18: MASC. PROMORAR</b>
Acho que falta atitude de alguns técnicos quando o atleta está mal em quadra.	E19 - Acho que falta só um pouco de atitude de alguns em relação ao atleta quando está mal em quadra. <b>E19: MASC. ANANINDEUA</b>
À medida que os meios éticos e afetivos evoluem, o relacionamento nos treinos e jogos contribuem de forma significativa.	E20 - Com a evolução dos meios éticos e afetivos, o relacionamento dentro do treinamento e principalmente do jogo contribuem de forma significativa para um bom desempenho da equipe, dentro e fora de quadra. <b>E20: MASC. UEPA</b>
Na maioria das vezes os técnicos sempre se alteram, fogem de seus comportamentos devido a alteração da adrenalina.	E21 - Na maioria das vezes os técnicos sempre se alteram durante os jogos devido a alteração da adrenalina, já percebi técnicos fugirem totalmente de seus comportamentos éticos, morais e etc. <b>E22: MASC. UEPA</b>
Coerente, vem sendo preparadas desde os treinos.	E23 - Coerente, porque elas vem sendo preparadas desde seus treinos até as competições. <b>E23: MASC. ASSEL</b>
Incentiva ao máximo, é bastante amigo.	E24 - Procura nos incentivar ao máximo, bastante amigo, o ambiente fica até mais harmônico. <b>E24: MASC. VIGIA</b>
Quase nada	E25 - Quase nada. <b>E25: MASC. ASSEL</b>
Nenhuma.	E26 - Nenhuma. <b>E26: MASC. ANANINDEUA</b>
Colocam suas experiências e, isso soma.	E27 - Todos colocam suas experiências e isto soma.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

	<b>E27: MASC. ANANINDEUA</b>
Não avaliam as intervenções dos atletas por completo, sempre tentam achar um erro para que não sejam vistos como incapazes de avaliar.	E28 - Pelo que vivenciei, eles não avaliam as intervenções dos atletas por completo. Sempre eles tentam achar um erro, para que não sejam vistos como incapazes de avaliar aquela linha de raciocínio. <b>E28: MASC. PAYSANDU</b>
Minha técnica é muito autoritária, algumas vezes escuta as intervenções nos treinos, nos jogos não, isso acaba prejudicando a equipe e gerando fofocas.	E29 - Geralmente a minha técnica é muito autoritária, porém, algumas vezes ela escuta as nossas intervenções nos treinos, mas em relação aos jogos não. Isso acaba por prejudicar a equipe, pois, gera muitas opiniões contrárias em relação ao técnico, causando fofocas e afetando o time. <b>E29: MASC. PAYSANDU</b>
Boas atitudes.	E30 – Boas atitudes, tanto na vitória quanto na derrota. <b>E30: MASC. PAYSANDU</b>
Experiências afetivas.	E31 - Muitas experiências afetivas. <b>E31: MASC. PAYSANDU</b>
Observo pouco, procuro fazer o que o técnico pede nos treinos e jogos.	E32 - Pouco tenho observado a respeito dessa experiência, procuro fazer aquilo que o técnico pede nos treinos e jogos. <b>E32: MASC. VIGIA</b>
Acho muito importante a conversa do técnico com o grupo.	E33 - Acho muito importante quando o técnico conversa com o grupo, pede opiniões e deixa os atletas a vontade. <b>E33: MASC. VIGIA</b>
Procuramos nos ajudar.	E34 - Sempre procuramos nos ajudar, somos abertos as opiniões o tempo todo. <b>E34: MASC. ANANINDEUA</b>
Eles não avaliam as intervenções dos atletas por completo, tentam achar erros para não serem vistos como incapazes.	E34 - Eles não avaliam a intervenção dos atletas por completo, eles tentam achar um erro para que não sejam vistos como incapazes de avaliar o raciocínio do atleta. <b>E34: MASC. ANANINDEUA</b>
Tem técnicos autoritários que escutam as intervenções dos atletas e outros não.	E35 - Têm técnicos autoritários, porém escutam as intervenções dos atletas, outros são autoritários e não escutam. <b>E35: MASC. ANANINDEUA</b>
Varia muito de técnico para técnico.	E36 – Tive poucas experiências, porém acho que varia muito de técnico para técnico. <b>E36: MASC. STA. IZABEL</b>
Percebo muito a questão do autoritarismo nos treinos e jogos.	E37 – Percebo mais a questão do autoritarismo dos técnicos nos treinos e principalmente nos jogos. <b>E37: MASC. STA. IZABEL</b>
Tem técnicos amigos dos atletas, outros só tem carinho nas vitórias.	E38 – Já presenciei técnicos realmente amigos de seus atletas, outros só tem carinho pelos seus jogadores nos momentos de vitórias. <b>E38: MASC. STA. IZABEL</b>
Muitas, umas boas e outras ruins.	E39 – Muitas experiências, umas boas outras ruins. <b>E39: MASC. STA. IZABEL</b>
Tem técnicos que conversam muito, isso facilita a descontração.	E40 – Têm técnicos que conversam muito com o grupo pedindo opiniões, isso faz com que a equipe trabalhe mais descontraída. <b>E40: MASC. PROMORAR</b>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

De alguns técnicos são boas, tanto nas vitórias quanto nas derrotas.	E41 – Considero boas atitudes de alguns, tanto na vitória como na derrota. <b>E41: MASC. PROMORAR</b>
Boas atitudes, principalmente após as vitórias.	E42 - Boas atitudes principalmente após as vitórias, e alguns momentos desagradáveis após as derrotas. <b>E42: MASC. CASTANHAL</b>

**Fonte:** Quadro de Análises dos discursos segundo o roteiro de entrevistas com atletas masculinos de handebol cadastradas na Federação de Handebol do estado do Pará (FHEP).

## DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) ATLETAS DO SEXO MASCULINO

As experiências vivenciadas quanto as atitudes éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias dos técnicos às propostas de intervenções dos atletas nos treinos e jogos, são situações muito variadas entre os técnicos, acreditamos ser em virtude dos momentos diferenciados de estresse pelos quais passam durante os treinos e jogos. Já convivemos com técnicos autoritários, afetivos, cognitivos e até mesmo com aqueles que não estão nem aí pelo que possa acontecer dentro ou fora de quadra, são pessoas sem o mínimo de ética profissional possível; o que lamentamos muito, pois o técnico de uma equipe pode representar muitos papéis para os seus atletas, inclusive de um irmão mais velho ou de um pai, dependendo do nível de convivência entre as partes envolvidas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta conclusões como preliminares. Entende que no desporto handebol a circularidade do poder pode proporcionar efeitos diferenciados para os atores sociais praticantes desta modalidade em função das situações que os mesmos podem se encontrar durante os treinos e jogos.

No que diz respeito principalmente ao rendimento técnico-tático, tanto nos treinos como nos jogos, alguns atletas só respondiam de forma positiva, quando submetidos a “sessões de torturas psicológicas” (gritos e gestos ameaçadores) por parte de seus treinadores, ditos detentores do poder relacionados aos vários conhecimentos do desporto em questão.

Por outro lado, a pesquisa revela que o poder existe e deve existir no desporto handebol ou em qualquer modalidade desportiva, desde que seja de forma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

compartilhada, coerente entre todos os atores sociais que praticam um desporto, só assim as possibilidades de êxito podem ser mais evidentes.

## REFERÊNCIAS:

DE BARBIERI, T. **Derechos sexuales y Reproductivos**. Aproximación breve y su historia y contenido. In: Revista Mujer Salud, n. 2/99, Santiago de Chile, 1998.

DUSO, Giuseppe: **O Poder**: História da Filosofia Política Moderna. Petrópolis: Vozes, 2005.

EHRET, Arno; SPÄT, Dietrich; SCHUBERT, Renate; ROTH, Klaus. **Manual de Handebol**. Tradução de Plabo Greco. São Paulo: Phorte, Ed.Brasileira, 2002.

ELENO, Thais G; BARELA, José. A; KOKUBUN, Eduardo. Tipos de Esforços e Qualidades Físicas do Handebol. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**. Campinas, v.24, n.1, p. 83 -98, set. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História das Violências nas Prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALBRAITH, John Kenneth. **Anatomia do poder**: São Paulo: Pioneira, 1984.

GROSSI, Miriam Pillar...[et al.], (Org). **Movimentos sociais, Educação e Sexualidades**. São Paulo: Garamond, 2005.

HEILBORN, M. L; CARRARA. Em cena os homens. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, n. 2., p. 370-375 ,1998.

KNIJNIK & SOUZA. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física Especializada**. v. 21, n. 1. p. 35-48, jan/mar. 2007.

LEFEVRE, Fernando et al. (Org). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2000.

MELHEM, Alfredo. **Brincando e Aprendendo Handebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

OLIVOTO, Robson. **Handebol**: Uma Visão Político – Crítica do Seu Desenvolvimento como Desporto. Disponível em: [http://w.w.w.efdesportes.com/revista digital](http://w.w.w.efdesportes.com/revista%20digital) – Buenos Aires – ano 9 – nº 67 – diciembre de 2003. Acesso em: 13 de maio de 2008.

REIS, Ivan G. **As Relações de Poder na Formação Universitária do Profissional de Educação Física** – Uma Visão dos Egressos da Universidade do Estado do Pará (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: , v. 16, n. 2. p. 5-22, 1990.

SERGIO, Manuel. **Algumas Teses Sobre o Desporto**: Compendium. 2 ed. Porto: Lisboa, 2003.

SEDREZ, Pereira Sálvio. **Regras Oficiais de Handebol**. São Paulo: Phorte, 2006 – 2009.

SIMÕES, Antonio Carlos. **Handebol Defensivo**: Conceitos Técnicos e Táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física**: Uma Abordagem Cooperativa. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Handebol**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

VARGAS, Luiz Ângelo. **Desporto e Tramas Sociais**: Rio de Janeiro: Sprint, 2001.